

Um submarino alemão torpedeando o veleiro portuguez "Douro"
(Desenho de Stuart)

2.^a série — N.º 506

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre.....	1\$20	ctv.
Semestre.....	2\$40	>
Ano.....	4\$80	>

Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal

— O SECULO —

Lisboa, 1 de Novembro de 1915

Dirétor: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redação, administração, officinas de composição e impressão
RUA DO SECULO, 43



Com que qualidade de cartuchos está Va. Sa. atirando esta temporada.

Va. Sa. notará que todo o interesse dos caçadores e comerciantes centralizam-se em Remington-UMC como os cartuchos do dia. Va. Sa. necessitará cartuchos Arrow polvora sem fumo, Nitro Club polvora sem fumo prego módicó, Remillion prego baixo e New-Club polvora preta, na sua proxima caçada.

Isso é se Va. Sa. deseja exactidão.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil No Territorio do Amazonas
LEE & VILLELA OTTO KUHLEN
Caixa Postal 420, São Paulo Caixa Postal 20A.
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro Manáes

Agente em Portugal: G. Heltor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.

Arabou-se o cabelo branco

Sem o tingir nem arrancar

Dão-se aclarações gratis de palavra ou por carta (enviando estampilha), penteadora la Madrileña

R. Diario de Noticias, 61 1/2

PARA ENCADERNAR A

Ilustração Portuguesa

Já estão á venda as capas em percaline de fantasia para encadernar o PRIMEIRO SEMESTRE DE 1915, da Ilustração Portuguesa.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO SEculo

Rua do Seculo, 43-LISBOA



COMPANHIA DO = PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações.....	393.910\$000
Fundos de reserva e de amortização	266.400\$000
Réis.....	650.310\$000

Séde em Lisboa.—Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casa d'Herminio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—Escritorios e depósitos: LISBOA—270, Rua da Princeza, 276—PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51. Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telephónico: Lisboa, 605; Porto, 117.

A JOVEM MAGNETIZADORA

Como Ela obriga aos outros a obedecerem á sua vontade

Cem mil exemplares d'este celebre livro (descrevendo as extraordinarias Forças Psychologicas) para serem distribuidos gratuitamente



«O maravilhoso poder de influencia propria, o magnetismo, a fascinação, a subjugação do espirito, dê-lhe o nome que quizer, pode seguramente ser adquirido por todos, mesmo pelos infelizes ou pelos antipáticos.» segundo diz o sr. Elmer Elsworth Knowles, autor do livro intitulado «A Chave do Desenvolvimento das Forças Intimas».

O livro expõe claramente factos assombrosos a respeito dos costumes dos Yogis Orientaes,

e descreve o sistema simples, porém eficaz, de subjugar os pensamentos e os atos dos outros; o modo pelo qual se pode vencer o amor e a amizade d'aquelles que por outro modo permaneciam indifferentes; como rapidamente e acertadamente julgar o caracter e a paixão dominante de cada individuo; como curar as molestias e costumes os mais rebeldes sem a necessidade de recorrer ao emprego de drogas ou medicamentos quaesquer; acha-se até explicado o assunto complicado sobre a transmissão do pensamento (telepathia). A sehorita Josephine Davis, a atriz predileta, cujo retrato aqui reproduzimos, asseveranos que o livro do professor Knowles oferece successo, saude e felicidade a cada alma viva, seja qual for a sua profissão. Ela crê que o professor Knowles já descobriu principios os quaes, universalmente adotados, mudarão por completo o regimen mental da raça humana.

O livro que está sendo distribuido gratis por toda a parte, é repleto de reproduções fotograficas mostrando como estas forças occultas estão sendo empregadas pelo mundo Intelto e como milhares e milhares de pessoas tem desenvolvido poderes que elas nem sequer sonhavam possuir. A distribuição gratis dos 100.000 exemplares está sendo feita por uma grande Instituição londrina, e será enviado gratis um exemplar a qualquer pessoa a quem isso interessar. Não se pede dinheiro algum; porém, os que desejarem cobrir a verba de portes podem enviar selos postaes no valor de 5 centavos sendo Portugal, ou 200 rs originados do Brazil. Todos os pedidos para este livro deverão ser dirigidos ao «National Institute of Sciences, Secção Gratuita Portuguesa 5507, B., n.º 258, Westminster Bridge Road, Londres, S. E., Inglaterra.» Bastará apenas pedir um exemplar, escripto em Portuguez, da «Chave do Desenvolvimento das Forças Intimas», mencionando «Ilustração Portuguesa».

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 506

1-11-1915

Dia de finados

E' amanhã dia de finados. O dia em que os mortos lembram? Não. O dia em que os mortos esquecem. As viúvas alegres vestem-se de preto, avivam os beiços com a sua «pâte de raisin», escondem o colo nas suas peliças enormes, aninham-se como creanças nas almofadas de camurça dos «coupés», — e vão chorar elegantemente, comodamente, para os jazigos dos Prazeres ou de S.



João. As viúvas tristes, — sorriem, casam, remoçam. Ao sol, sobre covas húmidas, ha flores esquecidas. O Amor, como um pequenino espectro cõr de rosa, soluça, na névoa d'oiro da tarde, abraçado á pedra d'uma sepultura. A vida explende. A morte passa. Diónyosos, loiro, nú, coroado de pâmpanos, rebola-se na relva cantando a gloria eterna das vindimas. E enquanto, no cemiterio imenso que é a alma de todos nós, sombras amorosas de mulher desfilam n'um vago crepúsculo de saudade, — o pessimismo de Vauvenargues segreda-nos ao

ouvido, como um dobre de sino distante: — «Il n'y a point de perte que l'on sente si vivement et si peu, que celle d'une femme aimée.»

Congresso alemtejoano

O facto dominante da semana foi o congresso municipalista do Alemtejo. N'ele se trataram problemas extremamente importantes: a federação dos municipios alemtejanos; a criação de um parlamento provincial; a emancipação da provincia sob a fórmula de que «o Alemtejo é dos alemtejanos e para os alemtejanos»; a municipalisação das carnes, dos azeites e das cortiças; a criação consequente de tres centros de municipalisação, — Evora cortiças, Beja trigos, Portalegre azeites; a irrigação e fertilisação da provincia, — canaes, albufeiras; a criação de escolas agricolas que ensinem o lavrador a estudar as terras, a seleccionar as sementes, a empregar racional-



mente os adubos, a conhecer a maquinaria agrícola, — a transformar a charneca em oiro e as ruínas em celeiros. Que admiravel paiz seria Portugal, se metade da energia gasta em fazer politica, servisse para mover charruas!

A guerra

Benedito XV não conseguiu o armistício para o dia de finados. A Europa inteira, fatigada, extenuada, exausta, — quer deliberadamente bater-se sem uma pausa, sem uma trégua, sem um repouso. A doença dos monarcas é a expressão da fadiga dos povos. Guilherme II, degenerado, estigmatizado, tem crises de delirio; Francisco José



cáe na demência senil; o Czar, neurasténico, erra pelo palacio real de Moscow, como uma sombra; o Sultão, imbecil, obêso, pálido, grita que o quem assassinar; Fernando da Bulgaria, nas suas insónias horriveis, entrevê a dalmática resplandecente de basileus bisantino; — e diante d'estes pastores de rebanhos devastados, n'um clarão sobrenatural de incêndio e de catástrofe, oito milhões de mortos, como um oceano flutuante de espetros, levantam os braços convulsos de glória inútil e perguntam, n'um grito formidavel: — «Afina! para quê?»

Os mortos

Foi uma semana de luto. Depois de Manuel de Macedo, um dos mais austeros e mais nobres espiritos do seu tempo, — D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro, a illustre senhora a quem se deve a ressurreição da industria artistica das rendas portuguezas de Peniche. Como, sob essas lindas mãos, agora geladas pela morte, a encantadora puerilidade que se chama uma renda, poude, tocada pelo génio, resplandecer da mais nobre arte! Como essa maravilhosa ourivesaria da linha, ligeiramente picada e tecida na graça luminosa d'uma crista de espuma que se immobilisasse, conseguiu, nos dedos finos de D. Maria Augusta, dar-nos a impressão magnifica da opulencia e do movimento, do ritmo e da cõr! Como esse milagre de bilros, ao mesmo tempo carinhoso e esplendido, poude fazer surgir a Beleza de um floco confuso e inexpressivo de linho branco, — lèvemente, graciosamente, n'um gesto alado de bênção e de vôo!



JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



EXTINTA

O Jean Dubois era um formoso rapaz de fronte alta e olhos negros, um buço loiro a aflorar-lhe nos lábios finos, e uma gentileza de porte e vivacidade de espirito que o distinguíam e tornavam querido. Rosette, tipo de Mimi Pinson, era uma elegante figura de Musset, um tipo de rosto redondinho e de olhos brilhantes, uma boca deliciosamente fendida e rubra, e uma graça no vestir modesto e no andar de ave, que comovia e entusiasmava os seus admiradores.

Pressurosa e sorridente sempre, com uma mobilidade sinuosa e perturbadora, cheia de vida alacre e de movimento, ela merecera aos estudantes da escola de cavalaria a que Dubois pertencia a comparação graciosa de Baudelaire, n'aqueles versos perfeitos das *Flores do Mal*, em que o poeta compara a mulher á serpente que dança:

„... A te voir marcher en cadence,
Belle d'abandon,
On dirait un serpent qui danse,
Au bout d'un baton...”

Morava então numa casinha discreta, recoberta de hervas e de trepadeiras, n'um primeiro andar baixinho, a que o verde claro das paredes dava uma graça e frescura amáveis. Tinha uma varanda corrida, toda cheia de vasos em que floriam cravos e botões d'ouro. Suspensos das janelas, em suportes lateraes, mais vasos se ostentavam, com cactos opulentos, alegres e festivos como a efusiva mocidade da sua dona.

Jean, garboso no seu uniforme de cadete, com as botas altas reluentes, o *bonet* levemente ao lado, as calças amplas á Chantilly, a vergasta na mão enluvada e inquieta, todos os dias, á hora em que sabia que Rosette regava as suas flores, passava discretamente, e discretamente se voltava a espaços, olhando-a e sorrindo.

Ela, muitas vezes sem o perceber, numa efusão que nasce e lento se desenvolve, ficava imóvel, fitando-o t'ambem, com o regador gotejante sobre os cravos abertos e sequiosos. E, d'entre tantos que a pretendiam, e por ali se arrastavam, tintando as suas esporas no pavimento, ou caracolindo os seus cavalos com ruido, nenhum como esse garboso e amavel Dubois tanta sugestão lhe dava d'um amor que ela adivinhava, e que nun-

ca com outros lhe despertára no coração.

Jean escreveu-lhe uma carta em que lhe comunicava o seu sentir. Ela contestou-lhe com outra em que lhe correspondia. A breve trecho, junto dos muros do quintal, no córrego estreito que levava aos campos, o cavaleiro á Chantilly e a linda Mimi Pinson consumiam as tardes tépidas n'um idílio de amor que dia a dia mais se fortificava e lhes tornava certa a felicidade. Ficaram noivos. Jean concluía o curso com brilhantismo. Era um militar premiado e valoroso. Safo alferes e um mez depois estavam casados.

*
*
*

Aquele amor de quasi creanças que tão enternecida e ingenuamente surgira, tornara-se mais solido e mais forte desde que um filho — o primeiro! — um fruto da sua carne e do seu amor, a materialisação d'um beijo seu, viera como que florir de sonho e de ambições o andar modesto e iluminado em que as duas creaturas tinham tecido o seu ninho. Chamava-se esse filho Marcel. E nos olhos negros de Marcel, na sua boca pequenina como um morango e nas suas faces rosadas como polpas de romã; nos seus dedinhos vermelhos e nas suas mãos de nacar; no seu corpo feito de espumas e aureolado de diáfana brancura, eles, Jean e Rosette, viam a concretisação suprema da sua felicidade.

Tudo quanto pôde fantasiar de grande e de belo o coração das mães, ela, a linda costureira de Saumur, idealisára-o para aquela flôr enternecida do seu seio, pedaço da sua alma que o amor desintegrára e lhe oferecera. E ele, revendo-se no filho e desejando-o soldado, para ele ambicionava, se Deus lh'o consentisse, as glorias de Alexandre, e a estrela que conduziu a Wagram e Austerlitz os passos legendarios de Napoleão.

A casinha em que viviam era modesta e simples como a alma de Rosette e a paixão tão comovida e meiga das duas almas irmãs. N'ela, os moveis, os *bibélots*, os livros, a propria luz tinham um ar de sentimento que se casava á emoção dos que n'ela viviam. E o sol, entrando em cada dia pelas janelas, como que lhes dava os bons dias em nome da Ven-

tura e d'eles em cada tarde se despedia, despedindo-se como se despede a Saudade.

A Dubois, temperamento calmo e dulcíssimo, um facto apenas lhe arrancava a tranquillidade do espirito e a limpida serenidade. Por um forte e inexpungível sentimento de Patria, e por odio atavico em desforra da morte ignominiosa d'alguns dos seus maiores, ele abominava o povo de soldados que estava ao flanco da sua terra amada e sacrosanta. A

que quando a sua Patria oprimida tomasse as armas contra a inimiga, n'esse dia ele offereria, em festa, a sua vida e a dos seus, como holocausto á terra em que vira a luz e onde seus paes dormiam na mansa e sempiterna paz de que se não acorda.

* * *

Mas a tormenta estruge, os ares enevoam-se, e a grande guerra estala. Dubois é dos



primeiros que avançam. A despedida é um episodio de paixão inenarravel. Os tres, como um bloco de marmore ou bronze de Carpeaux, enlaçam-se, confundem os mesmos soluços, e cobrem-se com as mesmas lagrimas. Mas Jean em breve recupera a serenidade. E calmo já, sereno como serenos são os fortes e os heroes, fala mansa mas energeticamente no dever de seguir e não hesitar.

As horas caminham. Ele parite, emfim. Lá longe, nas montanhas, bate-se como um heroe, realisa prodigios, leva de vencida em muitos recontros as falanges desmanteladas do inimigo. Ele não trepida nunca. Vibra; tem entusiasmo e tem grandeza. A sua figura sobre o seu corcel de combate, tem magestade e inspira confiança.

— A' frente e pela França! — grita.

Alemanha cesarista e teocratica, o colosso de ferro que arrebatara á França pedaços do seu coração, e chacinára inermes os seus avós, perturbava-o, dava-lhe impetos de demencia sanguinaria e combativa. Ele queria lutar e queria vingar-se.

Ao proprio filho, com ele resando, e á esposa, quando adrede falavam, ele lhes dizia

Jean, nos momentos de tregua, pensa na sua Pátria, na esposa ausente, no filho, no d'elino Marcel, que é a sua figura e traz o seu sangue. Está na sua tenda relendo uma saudosa carta de Rosette, quando uma avançada inesperada do inimigo reclama o seu comando. E ele precipita-se, cavalga a montada, parte com os seus companheiros. O *élan* é magestoso de vigor e de energia. A abalada tem a arremetida d'uma vaga imensa ou d'uma catapulta ciclópica. Uma granada estala á frente d'um esquadrão. Jean cambaleia e tomba do cavallo. Solta um grito de dôr. E' levado para as ambulancias. Está cego e desfigurado.

Nos inícios da sua cura, e lucido já, o heroico official sofre na sua alma a dôr tremenda do seu duplo infortunio. E' o infortunio de perante a França ser um inutil e é o infortunio de mais não ter olhos do corpo com que veja a mulher e o filho a quem tanto ama. E chora, arrepela-se. O seu espirito arde na lava d'um desespero para que não ha alivios. A sua dôr é a maior dôr humana. Suplícios de inferno dantesco se agitam dentro do seu ser, e crucificam-no indizivelmente.

—Rosette! Marcel! . . .—suspira ele e geme.

Amando com loucura a esposa e o filho, o official tem uma agonia que o punge mais que todas as agonias. Ele tortura-se ante a ideia de que sendo forte e moço, ele, que era belo e perfeito, chegará junto da esposa como um aborto disforme, e grotesco como um aleijão. As lagrimas correm-lhe das orbitas que foram a sepultura das suas pupilas mortas e trilham os caminhos das costuras da pele, marcadas a fogo nas faces sem sangue. Ele sente o desejo desesperante de acabar e de morrer. «Deus de misericórdia, porque me não matas?!»

*

* * *

Jean salva-se. Ele triunfa da morte para expiar a vida. A esposa sabe que ele foi ferido. Mas ignora a cegueira. Anciosamente o espera, em territorio já ameaçado pelos teutonicos. Os dias passam-se para os dois lentos como seculos. Dubois pensa e tortura-se. Ela, que o conhecera formoso, vel-o-ha agora deformado e sem pupilas. Ele sentil-a-ha apenas no seu espirito, palpal-a-ha com os seus dedos, estreitando a boca d'ela contra a sua boca.

Dubois apavora-se ante a ideia de que ela o visse e d'ele fugisse.

Mas Dubois está restabelecido e tem coragem. E' o momento de ir ao encontro de Rosette, que naturalmente o aguarda a cada momento, á sua janela vendo quem se aproxima, e prescrutando em cada automovel que roda o marido doente que chega da grande guerra.

Mas Jean continua inquisito. A' sua amargura de cego e de devastado ajunta-se agora á intranquilidade pela falta de noticias da consorte. Ha um mez que d'ela não cobra no-

vas, que ela não escreve, que d'ela tudo ignora. Estará enferma? Estará doente o seu querido Marcel?

Jean põe-se a caminho. Um soldado, seu impedido, o acompanha e o guia. Chegam á sua terra da Champagne e o official procura a morada de Rosette, dias antes bombardeada pelos alemães. Rosette fora coagida a abandonar a sua casa, ardente em labaretas e caindo em ruinas. Foi o seu companheiro que discretamente averiguou onde ela estava, e do ponto de refugio guardou segredo.

—Quero ir ao seu encontro! Quero saber onde é que está!—exclamava o cego, no seu desespero.

Dubois, sabedor do desastre, ficára n'uma excitação horrivel. Que lhe teria sucedido? Teria saído incolume? E o filhinho? Mas que horror! Que horror ainda o ir ela encontral-o assim, ruido pela metralha!

Seguiu com o companheiro em demanda de Rosette. O companheiro protelava a confissão do destino d'ela, poupava-o. O seu automovel rolou a fim pelas ruas d'uma povoação que o cego ignorava qual fosse. Pararam num determinado ponto. O impedido apeiou-se. Deu o braço ao official e amparou-o. Seguiram por um caminho plano, subiram depois um degrau e caminharam ainda um espaço.

Jean perguntou vivamente:

—Mas onde estamos? O que é isto?!

O soldado disse-lhe ser aquele o vestibulo da casa em que Rosette se encontrava.

—E ela? que é d'ela? Não vem? Mas eu telegrafei-lhe a minha chegada!

Com assombro:

—Dar-se ha que me não queira ver cego?

O guia tranquilizou-o. Caminharam de novo. Um cheiro forte de desinfetantes denunciou o lugar. Jean compreendeu que estava n'um hospital. Ouviu gemidos de feridos.

—Sei onde estou!—exclamou.—Mas que é isto? Que tremenda provação a minha!

Tinham, vagarosamente, atingido o leito de Rosette. A irmã de caridade que assistia á ferida, afagou-lhe uma das mãos descarnadas, e meigamente lhe disse, em voz baixa e devagar:

—Madame! coragem! Está junto de si seu marido que chega da guerra. Deixe-me ver a sua mão para lhe apertar a d'ele.

O soldado dizia no mesmo momento a Dubois.

—Meu capitão: é sua esposa que aqui está enferma. Dê-me a sua mão para apertar a d'ela!

Ele, tremente e mudo como Rosette, deixou guiar a mão.

Um soluço agonico cortou a voz d'aquelas duas creaturas que a luz do amor iluminara, e que da luz e do amor fugiam. Mas nenhuma d'elas, por Deus! conseguiu divisar na mascara da outra os horrores tragicos do fogo que as devastara. E' que Jean e Rosette estavam cegos.

Tambem a ela as balas do *Kaiser* tinham tirado as pupilas e a luz dos olhos!

Euclides de Seabra.

FUNCHAL



Na Praça da Constituição: o kiosque do agente do *Seculo* e suas publicações, vendo-se ao fundo a Sé do Funchal

Não é só pela sua admirável e pujante vegetação que a ilha da Madeira merece ser visitada; os seus costumes bem característicos, são muito dignos de se apreciarem e bem assim as suas indústrias muito inconfundíveis, como a dos vimes e sobretudo a dos bordados, merecendo esta especial referencia por ser a mais artística e delicada em que a obra da mulher madeirense mostra de quanta delicadeza é capaz e quanto o seu esforço e fino trabalho valem sob o ponto de vista económico. Não ha madeirense, seja qual fôr a sua categoria social, que não borde e, como na grande maioria todas o fazem bem, essa obra resulta, no seu conjunto, admirável.

Nós aqui, em Portugal, triste é dizel-o, mal conhecemos o desenvolvimento e a perfeição que o bordado da Madeira alcançou nos ultimos anos. Os

mais belos e mais valiosos são disputados entre as alemãs, francezas e inglezas, começando agora as americanas a apreciar esta encantadora obra da mulher madeirense.

Pena é que ás mulheres portuguezas ainda não chegasse a moda de vestirem de branco como o fazem as inglezas e alemãs e assim contribuiriam para valorisar a obra das suas patricias



Uma mulher da Camacha conduzindo cadeiras para o Funchal

da Madeira, praticando uma obra patriótica e imprimindo alegria e frescura aos sitios que frequentassem.

Não seria mais belo e artístico vêr nas matas do Bussaco, nos parques de



A venda de calçado característico da ilha no antigo largo de S. Sebastião



Industria de bordados—Uma das oficinas da *Madeira House*, de Reid Castro & C.^ª, preparando as roupas bordadas para senhoras e crianças

Cintra, em qualquer das belas praias portuguesas «toilettes» brancas lindamente bordadas?

Se no bordado a madeirense evidencia as suas qualidades artisticas, na industria dos vimes ela tambem tem uma parte muito ativa e importante. São as elegantes, airosas e interessantes mulheres da Camacha, freguezia

onde a industria dos vimes tem quasi toda a sua produção, que, depois de as fabricarem, á cabeça conduzem as cadeiras e outras obras de vime, ligeiras e despreocupadas, e da Camacha ao Funchal vem descendo o encebado caminho, parecendo não se lembrarem que sobre a sua cabeça trazem



O transporte de cabezas para fruta

cinco ou seis cadeiras.

Outras indústrias possuem a ilha que sobre a sua economia tem alta importância, como a cana de açúcar, os vinhos e o turismo; a primeira tem nos últimos anos tomado grande incremento, bem como a do vinho cuja fama é mundial apesar das crises que tem atravessado, sendo a do turismo, aquela que mais necessita de ser organizada sob plano inteligente e ordenado para que, conjugando todos os elemen-



tos que a ilha possui, possa oferecer ao turista a maior soma de atrativos e comodidades que, juntas às belezas naturais, resultarão um grande benefício e desenvolvimento para toda a economia da ilha, dando às indústrias existentes um elevado grau de prosperidade e criando muitas outras.

Joshua Benoliel.



1. Vilões da Ribeira Brava em dia de festa
2. Os nadadores na baía do Funchal
(Clíchê Benoliel).



Na Camacha; fabricando cadeiras de vime.—(Clíchê Ferestrelo)



De mãos dadas...

*Vae despertar, enfim, a radiosa manhã
Dôce, casta e jovial como um beijo de irmã!
Uma nevoa doirada pelo sol
Acaricia toda a terra,
Chilreia a cotovia sobre a serra,
Emquanto dorme o rouxinol.*

*... Vem minha amada passear comigo,
Dando-me o braço como a um velho amigo;
E quando te sentires já cançada,
Vae-te estender na relva perfumada,
Ouvindo em extase o que a ti só digo...*

*Em tudo como que ha um renascimento
De som, de luz, de côr,
E no meu coração, n'esse momento,
Canta de novo o amôr;
Esse amôr, que me traz enfeitado,
Que esmorece de tarde,
E que, ao nascêr do sol afogueado,
Resuscita em alarde.*

*... Aperta a minha mão, e abre n'um sorriso
A tua boca terna e quente;
Agora olha-me bem... é d'isso que eu preciso
Para te amar eternamente!
Como seria bom, ó namorada,
Vivermos sempre, sempre, os dois assim:
Minha alma na tua alma entrelaçada,
Como a hera na haste d'um jasmim!...*

*Emfim, já despertou a radiosa manhã
Dôce, casta e jovial como um beijo de irmã!
As borboletas dançam doidamente
Por entre a luz cruel do sol ardente,
Tal qual os nossos sonhos, ó querida,
Dançam em torno do clarão da vida.*

*... Ergue-te, minha amada, dá-me a mão,
O luar morreu, e o sol já nos sorriu;
E' ardente de mais este clarão
Para o suave amôr que nos uniu...*

Setembro 1915.

Antonio Schwalbach.

O Velho Mundo em guerra



O general d'Amade, comandante das tropas francezas desembarcadas em Salonica.



O general Savof, comandante em chefe do exercito bulgaro.



O general Hamilton, comandante das tropas inglezas desembarcadas em Salonica.

A atitude dubia da Grecia determinou os aliados a desembarcarem tropas em Salonica, cidade grega. São muito incertas as informações sobre a importancia dos contingentes desembarcados, mas devem ser os suficientes para executar o plano que a Inglaterra e a França teem em vista. Aquella cidade torna-se a base indispensavel de operações que teem por fim socorrer o exercito servio e assegurar a defeza da linha ferrea que vae dar a Nich.

Pelos ultimos telegramas recebidos reconhece-se que os primeiros movimentos dos contingentes desembarcados consistem na junção d'estes com as tropas se vias para que aquella importante via de comunicação com a Servia seja mantida solidamente.

Por outro lado, parece que o plano ofensivo

acordado entre os austro-alemães e os bulgaros, comandados estes tambem por officiaes da Alemanha, tendo por generalissimo o rei Fernando da Bulgaria, é combinarem a sua ação o mais estreitamente possivel com as operações executadas sob o comando de Mackensen no Danubio.

Daria isto em resultado a junção de todas as forças no vale de Morawa, inutilizando todo o esforço servio pela abertura de comunicação entre a Hungria e Constantinopla, e marchando depois sobre a Macedonia e Salonica.

Como se vê, o plano, a realisar-se, importaria para os aliados uma grave situação nos Balkans; mas, felizmente, começa a falhar porque ainda não conseguiram cortar a linha ferrea em nenhum ponto e os revezes teem sido repetidos e desastrosos.

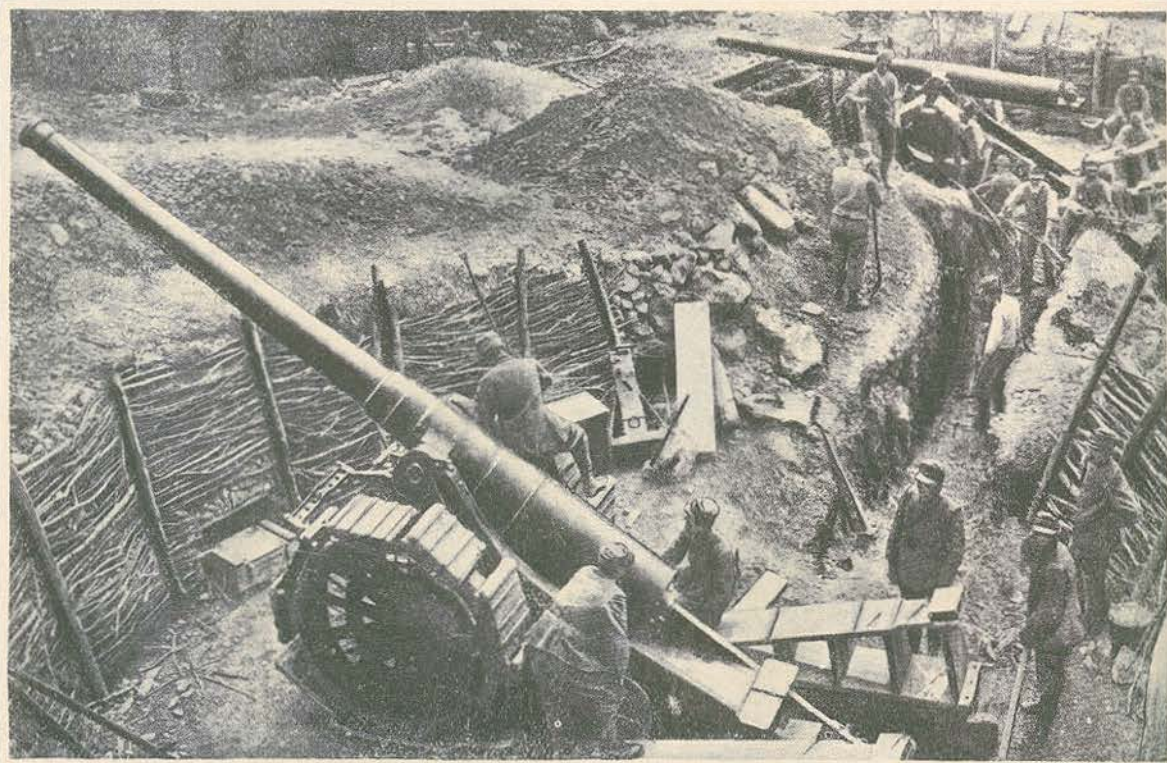


A cidade de Salonica vista do mar



ATAQUE ITALIANO A GORIZIA

Bateria italiana de meio calibre disfarçada com ramos d'árvores e que durante o ataque fez um fogo mortífero sobre o inimigo que não a atingiu com um só dos seus projeteis.



Bateria de cerco, que depois de 8 horas de incessante fogo contra as posições inimigas, se encontrava como se houvesse sido postada ali n'aquela ocasião.



Monte Rombon.

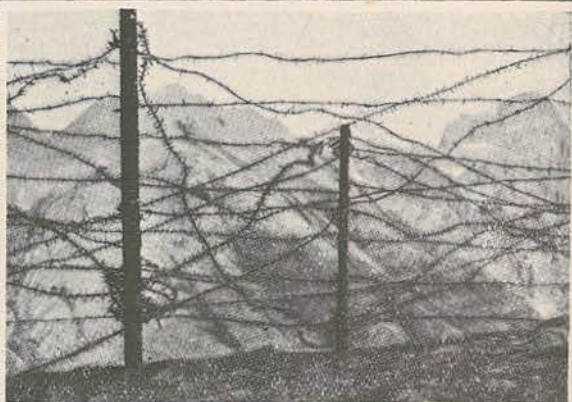
TEATRO DAS OPERAÇÕES ITALIANAS EM PREDIL

Forte Herman.

Plezzo.

Isonzo.

Pojonik.



Os primeiros prenuncios do inverno nas montanhas do sul do Tirol.

O monte Marnolata, visto através de fios farpados, já coberto das primeiras neves.



Artilharia de campanha russa atravessando um rio



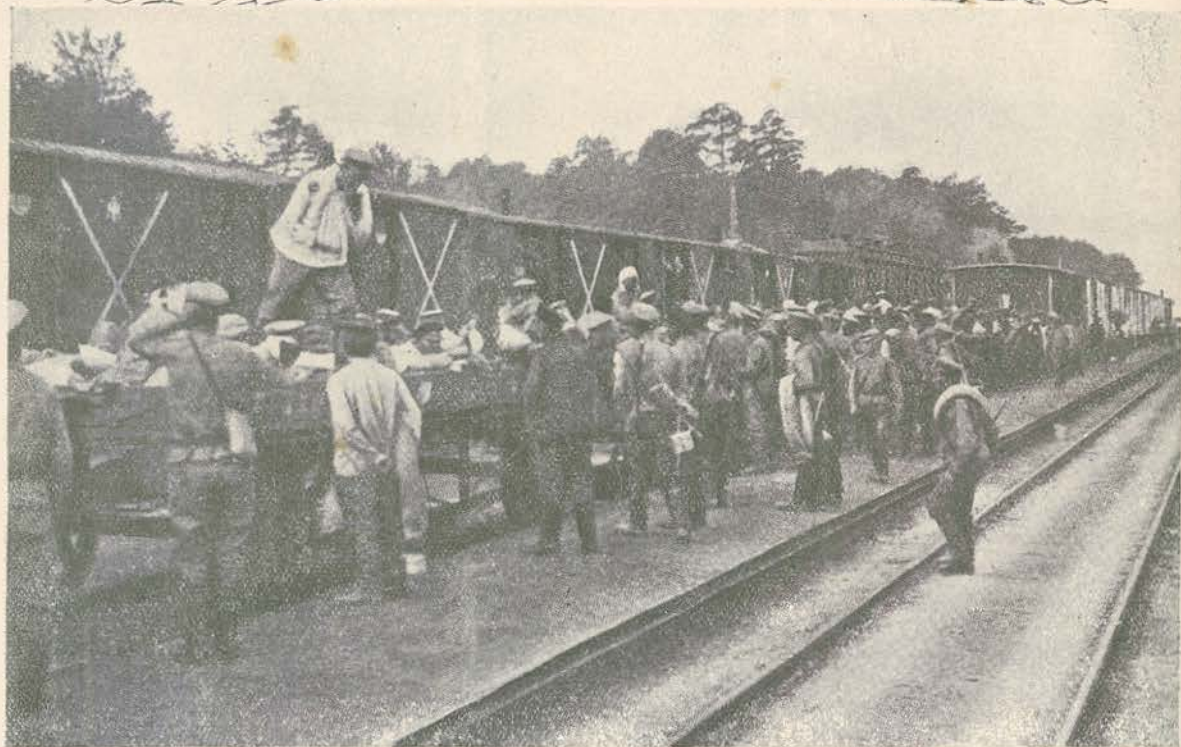
Artilheiros russos limpando os seus canhões

O PRINCIPE DE GALES NA GUERRA



Continuam a ser objeto de profunda admiração não só das tropas inglesas, mas das francezas e belgas, a coragem, serenidade e valentia, que o filho mais velho do rei de Inglaterra tem mostrado desde que se encontra na frente da batalha. Todos esses altos atributos tem ainda a valorisal-os uma rara simplicidade

de vida, fugindo sempre a todas as evidencias que o possam consagrar como um verdadeiro heroe. Retrae-se sempre que lhe começam a te-
cer louvores, aliás merecidos; e quando os fotografos se aproximam d'ele para lhe tirar um «cliché», esquivase cortezmente, sendo raro que o fotografem a não ser por surpresa.



Na Polónia: — Continuam os russos a reconquistar o terreno perdido, sacrificando muitos homens contra as forças combinadas da Alemanha e da Austria. Este comboio, chegado a Novo-Minsk, traz grande numero de russos feridos em combate nos arredores de Varsovia.



Cavalaria e artilharia russas atravessando uma aldeia da Polónia e revelando bem como, apesar das decantadas vitórias alemãs, os exercitos do Czar ainda se encontram aptos para um grande triunfo.



Na frente ocidental:—Transmitindo ordens e indicando a direção que as tropas devem seguir na sua marcha.—(The Illustrated London News).

N'um quartel general improvisado n'um castelo



Instalado n'um dos mais belos castelos da França um quartel general inglês, é recebido em sociedade na sua sumptuosa sala um correio a cavalo trazendo notícias da linha de fogo



Depois da batalha de Loos:—Foi tal o triunfo obtido pelos ingleses sobre os alemães que os próprios soldados, feridos e cheios de lama, ocultavam as suas dores sob uma viva expressão de alegria.



Deante de um quartel general francez, vendo-se á entrada o comandante com o seu respetivo estado maior, desfila um corpo de infantaria alemã aprisionado n'uma batalha.



A Turquia em guerra:—Belo panorama da Palestina, em que se vê um grande corpo de voluntários maometanos abandonando Jerusalem



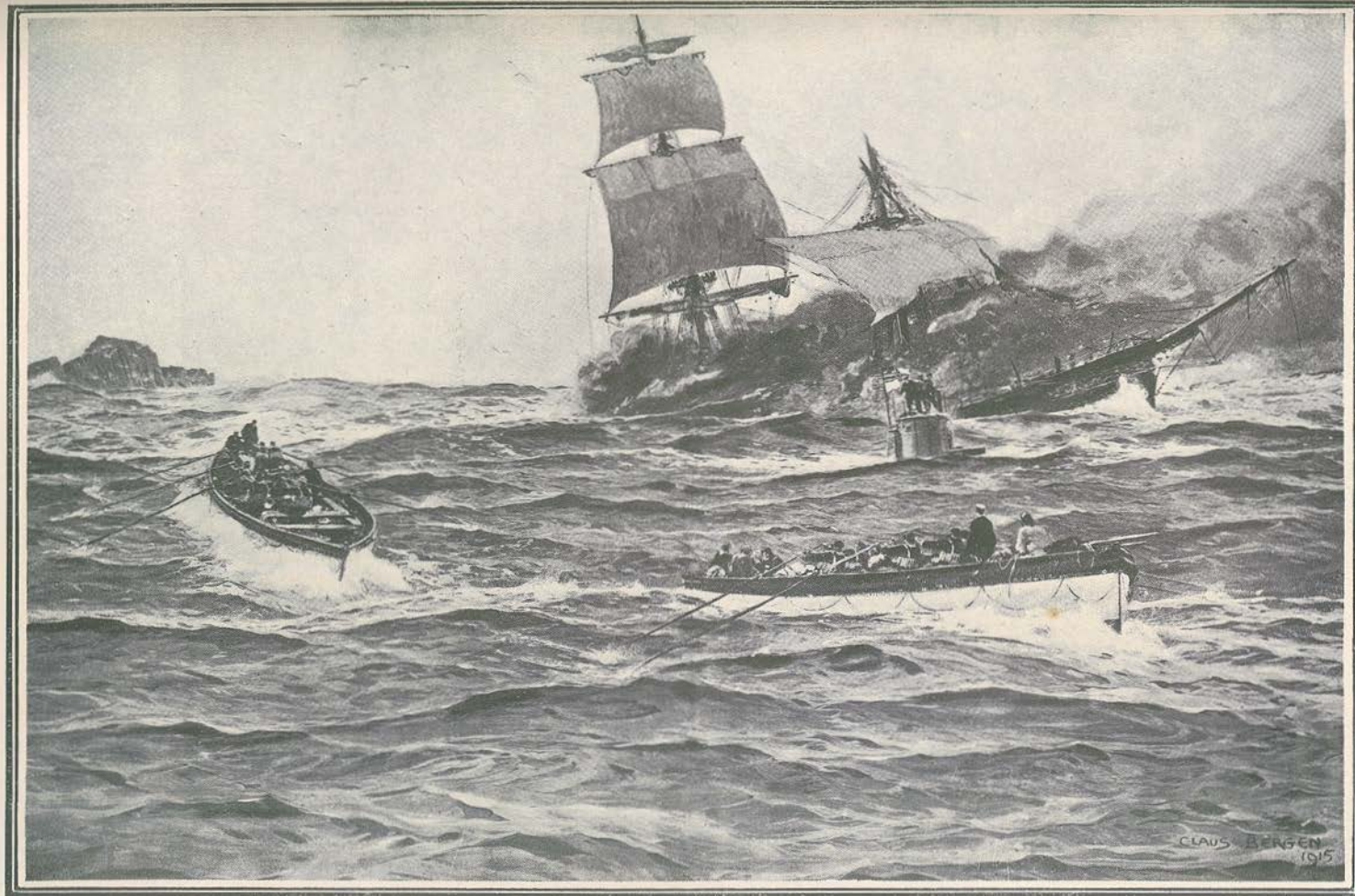
Morto, enquanto apontava a um oficial francez, pelo proprio oficial que tirou es'a fotografia.



Fotografia tirada 3 minutos antes de se dar o sinal de saltarem as trincheiras às tropas coloniaes francezas.



Trincheira arrazada pela artilharia franceza, quasi a ficar o chão anivelado



A guerra submarina:—Um navio de vela neutral é aniquilado, sem o mínimo respeito, por um submarino alemão



Repelindo os alemães no ocidente:—O campo de batalha de Loos depois da vitória britânica de que resultou o aprisionamento de 3.000 alemães.



Rafael Xaxier de Carvalho. — Rafael Xavier de Carvalho, esse belo rapaz, inteligente e destemido, que se alistou como soldado do 1.º regimento da Legião Estrangeira, morreu na grande batalha da Champagne. No ataque do Massiger, essa legião rompeu as duas linhas alemãs, apesar do fogo medonho das metralhadoras e do emprego dos gases asfixiantes. Xaxier de Carvalho, que sempre se houvera em fogo com extraordinário denodo, assumiu em Champagne as proporções de um verdadeiro heroe. conforme afirma n com o maior elogio todos os seus superiores.

O valente legionario nascera em Rueil, proximo a Paris, em 22 d'abril de 1896 e fez os seus estudos n'aquela capital. Era filho do distinto jornalista portuguez Xavier de Carvalho que vive ali ha trinta anos e que durante 19 anos colaborou no *Seculo*. A perda que sofreu o nosso antigo colega abalou profundamente o seu coração de pae amantissimo e foi vivamente sentida por quantos conheciam as belas qualidades de seu filho.



1. Rafael Xavier de Carvalho, morto em combate contra os alemães

2. Tres alemães aprisionados por Léon Mokrzeck

3. Léon Mokrzeck no hospital, tratado por senhoras americanas



Foi transmitida aos soldados ordem de se conservarem em silencio, e poucas palavras se trocaram em voz baixa. Ao longo da estrada só se ouvia agora os passos ritmicos dos que marchavam. Esse mesmo ruido cessa, porque tomamos atravez dos campos. Na terra lavada a marcha torna-se mais penosa:

cada passada exige o dobro do esforço, porque a terra empapada pega-se ás nossas botas. Mas avançamos sempre.

— Joe!hos em terra! joelhos em terra!

A esta voz de comando cada um se baixa. Esperamos. Estavamos em frente do inimigo, era precisa prudencia. Ao cabo de uma hora, ordenam-nos que avancemos lentamente, dirigindo-nos para a estrada. Tinha caído a noite e estava tudo completamente escuro. Tinham-nos separado por compnhas. A minha preocupação era seguir os outros sem fazer barulho e não perder de vista um camarada, voluntario como eu.

Avançava-se sempre. Ouvia-se distintamente o tiro do canhão e da espingarda. Supuz que deviamos servir de reserva. Passámos a noite deitados n'um fosso com as mochilas ás costas. Ao amanhecer uma auto-metralhadora trouxe-nos ordem para avançar. Puzemo-nos em marcha ao longo do fosso. Ninguem falava.

— Em atiradores! sobre o campo, á direita!

Soube depois que ocupavamos uma posição falsa. Não passaram 5 minutos que uma saraiada de balas não caísse em volta de nós. Foramos descobertos e não tinhamos abrigo.

Então o inimigo estava de grande. Era um verdadeiro massacre de innocentes; matava-nos como moscas. As balas siblavam-nos a's ouvidos, e os feridos agarravam-se a nós. Eu queria atirar, mas não via nada, quando um assobio agudo nos annunciou a retirada.

Era tempo. Os alemães viam-nos e a retirada estava quasi cortada. Voltámos a correr para o fosso onde passamos a outra noite.

Caí exausto de forças, quando soube, por um soldado da minha companhia, que tinha ficado ferido para traz um dos meus camaradas. Obtive licença do capitão para o ir procurar com outro amigo.

Que cautela não foi preciso empregar para chegarmos até ele! Estava deitado n'um fosso das linhas alemãs, onde verificámos, com surpresa, encontrar-nos.

Calcule-se como os nossos corações batiam de ansiedade e a viva alegria que depois sentimos, quando, com o nosso querido ferido, regressámos ás nossas posições.

Léon de Mokrzeck. — É um simpatico e valente rapaz de



17 anos. Filho de um conde polaco, encontrava-se a estudar na Belgica quando rebentou a guerra. Alistou-se logo como voluntario e foi combater contra os alemães, praticando prodigios de bravura até que caiu ferido, mas aprisionando n'essa ocasião tres soldados do kaiser. Encontra-se hoje ainda n'um hospital na frente da batalha, tratado por senhoras americanas, e mantem com sua estemosa mãe madame de Mokrzeck, que está residindo em Lisboa, a mais afetuosa correspondencia. Eis como ele lhe descreve um recontro em St. Georges:

Partimos em grande numero, formados a quatro, sem que nenhum de nós soubesse para onde, se para occuparmos um posto avançado, se para nos reunirmos ás tropas em descanso. Era um engano a que ninguem sabia responder. Sentindo ainda as fadigas passadas, todos nós marchavamos com o espirito concentrado. Curvado ao peso da mochila, cada soldado deixava vaguear as suas idéas, revendo as coisas longinquoas. As tropas marchavam lentamente, sem reconhecerem o caminho, o que só aconteceu na volta de uma estrada. Não podia haver duvida: ia-se a caminho de St. Georges, pequena aldeia situada a 1 hora do Yser e occupada pelo inimigo, que devia ser retomada.

Á direita da estrada, uma grande fabrica meio bombardeada e transformada momentaneamente em Posto de Socorros, offe ecia guarida aos desgraçados feridos. Sim, d'esta vez eu via feridos e muitos. Era um espectáculo de despedaçar o coração! Todos esses homens, cheios de sangue, com os rostos pallidos e desfalecidos, eram examinados pelos medicos. Atraz d'eles, vinham outros e outros; era um nunca acabar; uns arrastando-se por si, outros transportados por feridos de menor gravidade. Marchavamos quasi indifferentes a este quadro de dôr, ouvindo ao longe o ruido de um tiro, que diminava o crepitar regular das metralhadoras. Combatia-se ali.



Uma avó que se julga feliz



A imperatriz da Alemanha e a princesa Cecília, esposa do Kronprinz, com os seus quatro filhos: Guilherme (à esquerda) Fernando (sentado) Humberto (à direita) e Frederico (à esquerda de Guilherme).

(Segundo uma fotografia tirada em julho d'este ano.)

“Garden-party” no Estoril

Promovido pela Sociedade do Estoril, realizou-se no antigo parque Vianna, d'aquella localidade, um «garden-party» que decorreu com grande brilhantismo e animação, vendo-se na assistencia, que era numerosissima, muitas senhoras da nossa sociedade elegante.

Do esplendido concerto, que foi primorosamente executado, ha que evidenciar o maestro David de Souza pela forma proficiente como diri-



giu a orchestra e «mademoiselle» Cristina Mouchet que ao piano executou varios trechos com verdadeira arte, sendo tambem muito aplaudidos nos seus solos os srs. Manoel da Silva e Tomaz de Lima.

Findo o concerto foi servido um primoroso «lunch» fornecido pela pastelaria Benard, principiando depois o baile que esteve animadissimo.



1. Tomando chá.—2. Um aspeto geral da assistencia.



1. No bufete.—2. Cavaqueando.—3. Outro aspecto do bufete.—4. Um grupo gentil.

(Clchês Benckiel).

FIGURAS E FACTOS

Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa. — Foi muito felicitado por ter escapado a um «complot», de que ia sendo vítima, este notavel homem publico brasileiro, governador do Estado do Amazonas, cargo para que foi indigitado pelo partido republicano conservador, chefiado pelo falecido general Pinheiro Machado.

O sr. dr. Jonathas de Freitas Pedrosa tem tido um governo atribuladissimo pela guerra que lhe teem

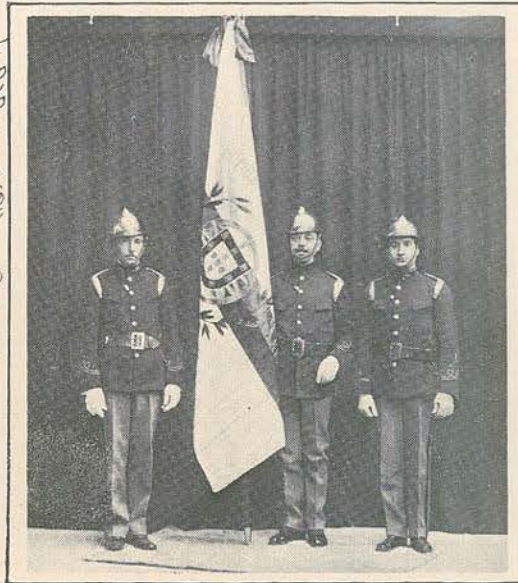


O sr. dr. Jonathas de Freitas Pedrosa

movido os opositoristas, dirigidos pelo dr. Guerreiro Antony, mas n'ele tem persistido sem desfalecimentos. Grande amigo da instrução, tendo prestado enormes beneficios á Universidade de Manaus de que é socio de Honra, é tambem um patriota esclarecido e um bom amigo dos portuguezes a quem presta todo o auxilio compativel com o alto cargo que tão proficiente e criteriosamente exerce.



Em Vigo: — O consul geral portuguez 'em Vigo festejou o 5.º anniversario da implantação da Republica Portuguesa, ornamentando a fachada do Consulado.



Bombeiros Voluntarios Lisbonenses:—Comissão que ofereceu a nova bandeira em seda, bordada a curto. Da direita para esquerda. srs. Jorge Portugal, Virgílio Cunha e Eduardo Mata.



4



8



6



7



9

4. A sr.ª D. Arminda das Dores Gonçalves dos Reis, proprietaria, falecida em Ponte de Barca, na idade de 32 anos e prima do correspondente do *Seculo* u'aquella localidade, a quem a *Illustração* envia sentidos pezames.—5. O sr. Manuel de Macedo, conservador do Museu de Arte Antiga e professor no Instituto Industrial, falecido em Lisboa. Era um distintissimo aguarelista e tinha um profundo conhecimento da literatura estrangeira, incluindo a do teatro, de que fez varias traduções.—6. O sr. visconde de Alijó falecido na sua quinta de Ramarigo (Reg a), causando a sua morte profunda consternação n'aquella vila, sua terra natal, que muito lhe devia por ser um dos que mais a engrandeceram. Foi durante muitos anos commissario da Companhia Vinicola do Norte de Portugal, na Regoa, passando depois para diretor tecnico da mesma Companhia.—7. O sr. dr. Sergio Calixto, lente da Universidade de Coimbra, falecido ha dias em Ilhavo. —8. O sr. dr. José B. Lopes Bandarra, falecido em Pinhel. —9. O sr. Julio Cesar d'Oliveira Feijão, gerente da casa comercial Leites, Sobrinho & C.ª, falecido em Lisboa.

cola do Norte de Portugal, na Regoa, passando depois para diretor tecnico da mesma Companhia.—7. O sr. dr. Sergio Calixto, lente da Universidade de Coimbra, falecido ha dias em Ilhavo. —8. O sr. dr. José B. Lopes Bandarra, falecido em Pinhel. —9. O sr. Julio Cesar d'Oliveira Feijão, gerente da casa comercial Leites, Sobrinho & C.ª, falecido em Lisboa.



Nos Desportos de Bemfica:—1. Um interessante *moinet* em patins.—2. Uma *chaine* em patins.—3. Um grupo de patinadores.



No Porto. — Parte da assistência a uma festa realizada na Quinta do Vale da Gloria, pertencente ao sr. João Batista de Lima Junior (Cliché tirado á noite pelo distinto amator fotografico sr. A. Figueirinhas).



A cadela *Dilêta* e o seu filho adotivo.

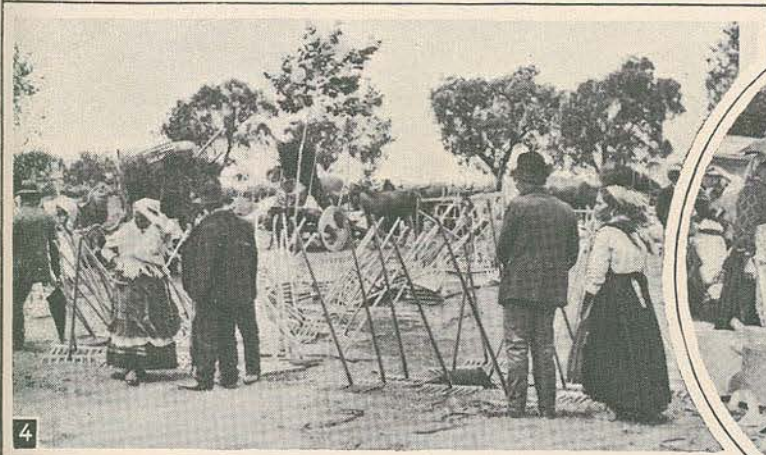


O sr. Alexandre Duarte Correia, *O Zé Povinho do Porto*.

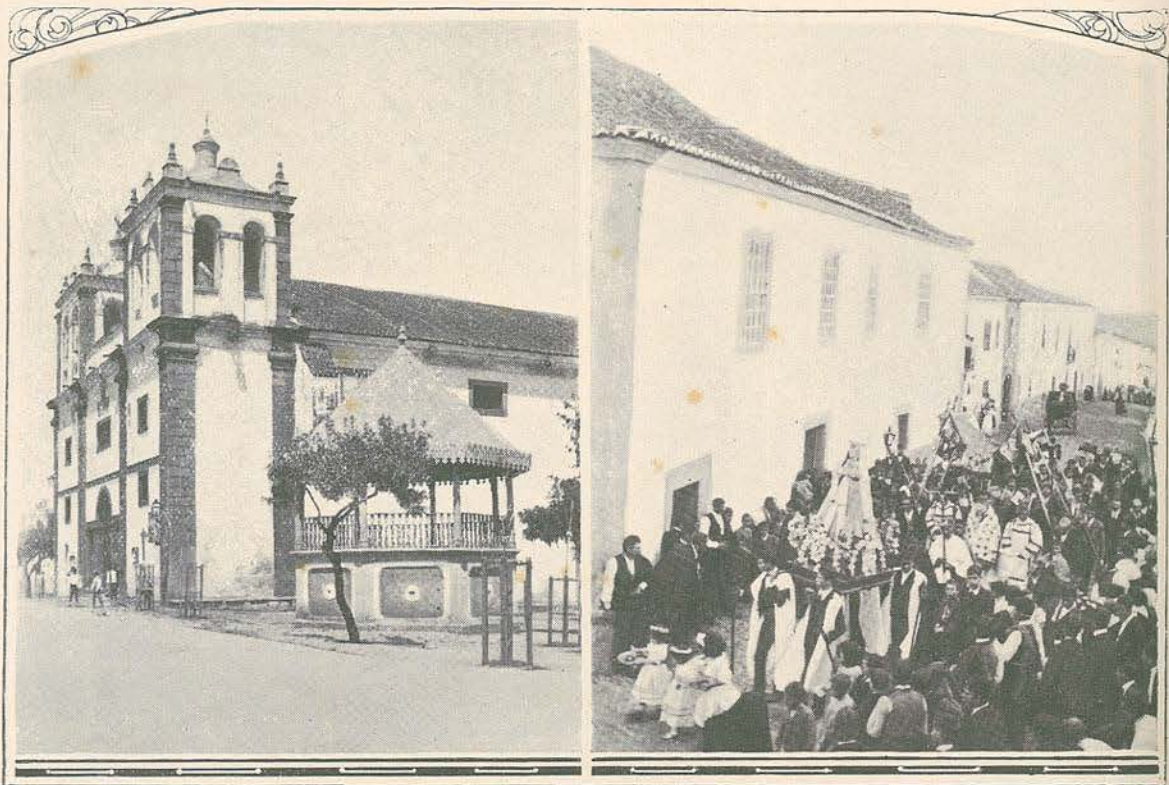
A cadela *Dilêta*, que os nossos *clichés* representam e de que é dono o sr. Alexandre Duarte Correia, *O Zé Povinho do Porto*, tomou para seu filho adotivo um gatinho abandonado a quem amamenta, sendo tal a sua dedicação pelo pequenino animal, para sair á rua, é torçoso que leve o gatinho a quem dá de mamar sempre que este sente necessidade de amamentação.



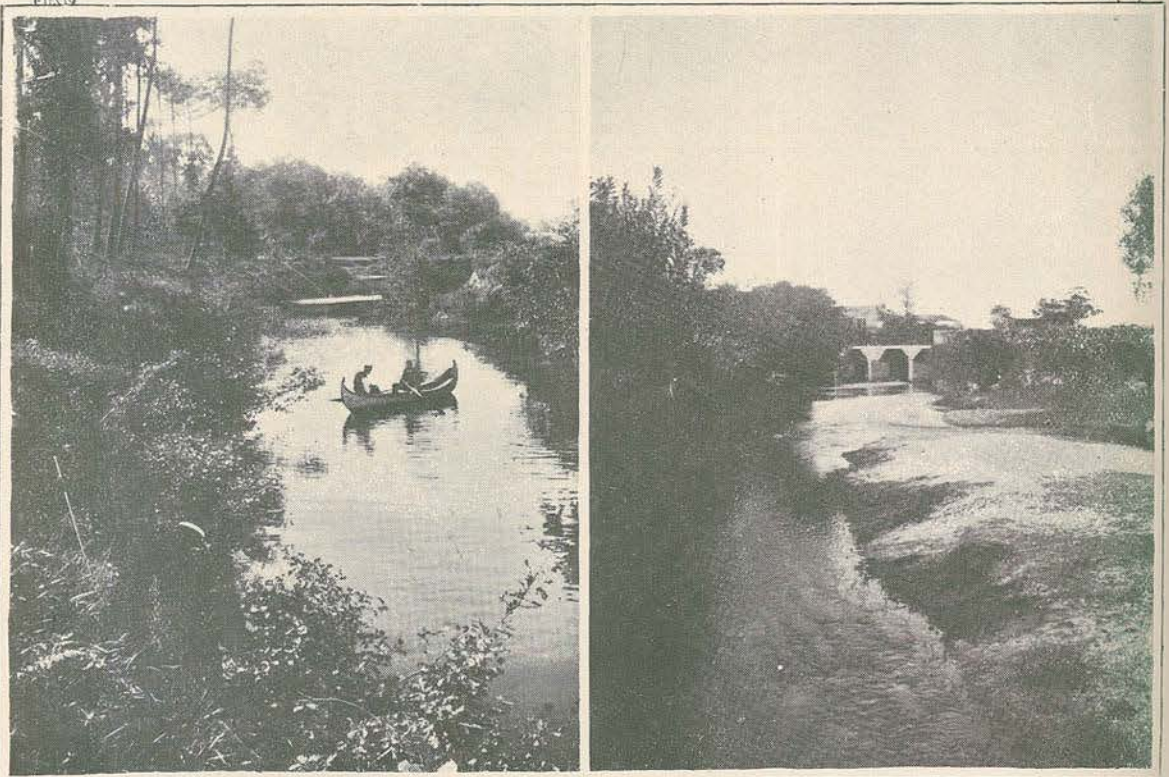
A *Dilêta* amamentando o seu filho.



Em Leça de Baillio.—Aspetos do mercado agrícola ali realizado este ano.—4. A venda de ansinhos.—5. A venda de reggadores. 6. O aspeto geral do mercado.

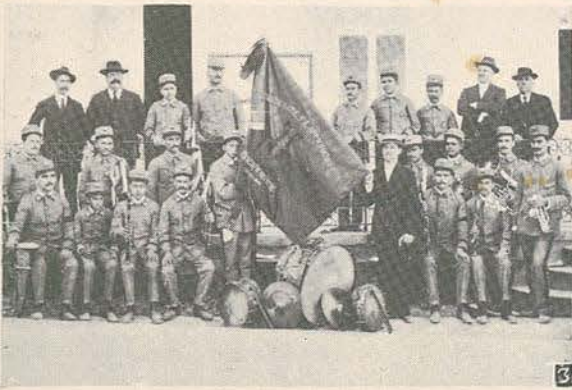


Em Fronteira:—1. A igreja matriz onde se realizaram festejos em honra de Nossa Senhora da Vila Velha.
2. Um aspeto da procissão



Na Ponte da Pedra:—1. Um trecho das margens do pitoresco rio Leça.—2. Outro aspeto do rio Leça vendo-se ao fundo parte do historico mosteiro de Leça do Bailio.

(Clichés do distinto fotografo amator sr. J. Castro),



1. Grupo excursionista *Os Remexidos*, da Estrela, que realizou o seu primeiro banquete na Quinta dos Charquinhos, em Bemfica.—2. **Na Serra da Estrela**.—Um grupo de democráticos do distrito de Castelo Branco em visita ao sr. dr. Afonso Costa o qual tem à direita o governador civil d'aquela distrito, sr. Pinto Teixeira e à esquerda o deputado sr. Gastão Correia Mendes.—3. **Ancião**.—Sociedade Filarmonica Ancianense e respetiva direção com o seu estandarte.—4. **Em Braga**.—Na estrada do Bom Jesus ao Sameiro, vendo-se ao fundo o santuário da Senhora do Sameiro. Da esquerda para a direita os srs.: Manuel Antelo, Sebastião F. Pereira, Manuel Batista Costa, Rodrigues Barbosa, Rodrigues Pinho, Tiberio Cesar

Soeiro, D. Maria das Dóres Craveiro de Melo Soeiro.—5. A banda de Niza, que, sob a regencia do distinto maestro sr. Antonio Pena, se distinguiu brilhantemente nos festejos da Senhora da Piedade em Elvas, nos dias 20, 21 e 22 de setembro.—6. **Castelo de Vide**.—Reunião do 4.º Congresso da Sociedade do Pé Descalço em 1915.—**Alche** do distinto amador sr. Alfredo Costa Pinto.—7. **Alemquer**.—Praças do posto da Guarda Nacional Republicana que comemoraram brilhantemente a data de 5 de outubro.—8. **No Espinha**.—Rancho infantil que tomou parte nos festejos de Nossa Senhora da Piedade, nos dias 10, 11 e 12 de setembro, e que foi muito aplaudido.

TEATROS

«Domino», no Eden Teatro

Uma revista amavel, leve, variada, em que a graça e a sedução se disfarçam sob o *domino* cõr de rosa da malicia. Suponho que é por isso que eia se chama *Domino*—por isso ou por outra qualquer coisa... Quem sabe, ao certo, d'onde provém e de que provém, o que significam e o que encobrem os titulos das revistas!

Domino tem alguns quadros movimentados, pittorescos, alegres, entre os quaes ha um, o quadro electrico, que é cheio de *trucs* curiosos e outro, o primeiro do 1.º ato, que é uma delicada e excelente aguarela. Os srs. Pereira Coelho e Alberto Barbosa escreveram uma obra que, sem favor, se pôde classificar de engenhosa e viva e que ha de entreter durante alguns mezes as pessoas que em



Berta Baron que faz parte da companhia do Eden Teatro

Lisboa gostam de se divertir no teatro... e fõra Jo teatro. No desempenho, ha, na parte feminina, a destacar os nomes de Amelia Pereira e Berthe Baron. Esta ultima graciosissima atriz tem tres numeros, em que a sua graça muito provocante, a sua gentileza muito parisiense e o seu espirito azougado, petulante e irrequieto, tem occasião de brilhar e seduzir. De resto, toio o desempenho feminino da peça é galante e feliz. E o desempenho masculino, em que sobresaem Nascimento Fernandes, Amarante, Cabral e Silva, pareceu-nos certo e engraçado.

«Dia de Juizo, no Teatro da Trindade»

Bilhete postal.—Meu caro Schwalbach. Você já sabe que eu estive na *première* da sua revista e que o aplaudi. Já o felicitei—mas, como nunca é de mais o prazer de cumpimentar um amigo como você, de novo d'aqui lhe envio as minhas felicitações. Você continúa a ser o mestre do teatro alegre e de observação burgueza — e a sua revista é... Para que hei de eu estar com

eufemismos? A sua revista é você espirituosa, mordaz, alegre, brilhante, encantadora e joven. E' verdade: é joven. Joven como você, que continúa sendo o mais joven de todos os autores portuguezes. Onde é que você arranja o segredo d'essa admiravel juventude de espirito, que ainda não tem uma sombra, nem um mau humor? Veja se me diz isso na volta do correio, meu delicioso e cintilante Schwalbach. O *Dia do Juizo!* No dia do juizo, no verdadeiro, hei de vê-lo, com a sua barbicha de satiro, o seu olhar, em que Mefistofeles espreita, o seu riso muito claro, a pregar rabos de papel a Santo Antonio e a fazer perder a compostura ao Paraizo!... Mandem-me depressa o segredo d'essa mocidade — e mande-a tambem aos outros autores de teatro. Que anda por esses palcos uma tristeza de morrer!



Eduardo Schwalbach, autor da revista o *Dia de Juizo* em cena no Teatro da Trindade

«Soror Mariana», no Teatro do Ginasio

Julio Dantas acaba de escrever e fazer representar mais uma delicada, emotiva, preciosa e linda miniatura do seu pequeno teatro de amor. Chama-se *Soror Mariana*—e n'ela passa a paixão, bela como uma tempestade, da freia portugueza de Beja que o amor de Chamilly enlouqueceu..

Julio Dantas traçou o seu novo quadro, que é uma maravilha de sensibilidade e de teatro, com o colorido d'um pintor e o sentimento d'um poeta. Do formoso episodio d'amor do seculo XVII, o escritor da *Ceia dos Cardeaes* arrancou uma pagina do drama, rapido e fulgurante como um clarão. Da vida conventual portugueza seiscentista, o poeta d'*O Nada* colheu a impressão d'um quadro pitoresco e matinal. E de tudo fez uma obra, como só ele faz, breve, incisiva, elegante, em que ha pintura e tragedia, em que ha detalhe e ação, em que ha simplicidade e literatura, imaginação e graça.

Luiza Lopes e Celeste Leitão — duas estreiantes — conquistaram unanimes aplausos. Maria Matos e Mendonça de Carvalho, excelentemente. Feliz o cenario de Mergulhão.



Luiza Lopes, na peça *Soror Mariana* (Desenho do sr. Alberto de Sousa)

A. de C.

DORES DE COSTAS

PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinárias; cálculos; nevralgias; reumatismo; envenenamento do sangue pelo ácido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram-se á venda em todas as pharmacies e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & C^o, Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, N^o 85, Porto.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME



Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimen-

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 réis, 28500 e 58000 réis.



SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remittam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

AGENSOR



Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE N.º 2777-LISBOA



MOZAICOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO
GOARMON & C.^o
Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
TELEPHONE 1244 — LISBOA

Grande marca franceza



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE d'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg Saint-Martin PARIS 10^o

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

N'este conhecido Almanaque, que entrou no vigésimo ano de publicação, encontra o publico as precisas informações para os seus atos civis, os forasteiros os pontos mais dignos de serem visitados nas suas vindas á capital, os dias feriados em todos os concelhos do paiz, preços e tabelas de viação terrestre e das empresas de navegação para todos os portos do mundo, receitas varias e uma secção completa do calendario e das mudanças metereológicas, bem como dos eclipses que hão de manifestar-se no proximo ano.

Os leitores do *Almanaque do Seculo*, tanto de Lisboa como da provincia, quando visitem a capital, terão entrada por meios preços nos seguintes teatros: *Nacional, Trindade, Ginasio, Apolo e Variedades* e nos salões animatograficos *Olimpia e Rocio* (Arco do Bandeira), cujas empresas tão gentilmente acederam a proporcionar-lhes garantias que são para agradecer.

Emfim, o *Almanaque do Seculo*, oferece aos seus leitores deliciosos passatempos de uma leitura amena e de factos historicos de grande importancia, não deixando

A' venda nas livrarias, tabacarias, kiosques e agencias do "Seculo" em todo o paiz
PREÇO: \$12 (120 réis)

ALMANAQUE ILUSTRADO



DO JORNAL
1916 O SECULO

Envia-se a quem remeter a importancia em sêlos ou ordens postaes á administração
d'O SECULO — LISBOA

Isto não que respeita a indicações uteis, porque na sua parte literaria insere um sem numero de variedades que muito distrairão os espiritos dos seus leitores, entre as quaes ha anedotas, contos, versos, predições astrologicas pa a as pessoas que nasceram sobre os varios signos do ano, arvore de familia, etc.

Aos amadores de musica oferece o *Almanaque do Seculo* uma de iciosa canção portugueza, com musica do notavel compositor sr. dr. Antonio Viana e versos do inspiradissimo poeta Acacio de Paiva.

tambem de inserir graficos estatisticos que servirão para os curiosos confrontarem as proporções que existem entre varios paizes estrangeiros e o nosso na produção do vinho e aguardente, consumo do café, o numero dos analfabetos, o numero de publicações existentes, o numero de soldados nas diversas armas, do estado civil de Portugal, etc.

O *Almanaque do Seculo* para 1916 é um volume que deve ser adquirido por curiosos e estudiosos, pois a todos satisfaz pela variedade das suas materias.